

# IMPRENSA E LEITURA DE ROMANCES NO BRASIL OITOCENTISTA

ANDRÉA CORREA PARAISO MÜLLER\*

\* Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora adjunta de Língua e Literatura Francesa na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) - PR. E

## RESUMO

Considerando o papel crucial da imprensa na difusão da prosa ficcional durante o século XIX, este trabalho tem por objetivo refletir sobre o valor dos periódicos oitocentistas brasileiros como fontes primárias para uma história da leitura de romances no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

leitura; imprensa; romance; fontes primárias; século XIX.

## ABSTRACT

Considering the crucial role of press in the diffusion of fictional prose during nineteenth-century, the aim of this work is to reflect on the importance of nineteenth-century Brazilian reviews and newspapers as primary sources for a history of novels lecture in Brazil.

## KEYWORDS

lecture; press; novel; primary sources; nineteenth-century

## O VALOR DAS FONTES PRIMÁRIAS NO ESTUDO DA LITERATURA

**D**urante muito tempo, o ensino de literatura ficou restrito, nas escolas e universidades brasileiras, ao estudo da história literária, na sua concepção mais tradicional, a de uma “sequência, no tempo, de obras de cunho artístico, divididas conforme o gênero [...] e conforme a língua em que circularam pela primeira vez” (ZILBERMAN, s.d., p. 1).

Calcada, como lembra Paulo Franchetti (2002, p. 247), na “eleição estética”, ou seja, na formação do cânone, a história literária, em seu viés mais tradicional, seleciona os autores e obras que julga os mais significativos do período que toma por objeto de estudo. Entretanto, os critérios empregados para eleger esses autores e obras são, em geral, os do presente do historiador, o que pode conduzir a certos anacronismos. É preciso levar em conta, por exemplo, que muitas das obras que atualmente são tidas como os grandes livros do passado nem sempre coincidem com aqueles que eram considerados os grandes livros no passado:

Os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura – isto é, pelos críticos e professores universitários [...]. Esse tipo de literatura talvez nunca tenha sequer existido fora da imaginação dos profissionais e seus estudantes (DARNTON, 1995, p. 145).

A observação de Robert Darnton no fragmento transcrito chama a atenção para os anacronismos em que, não raro, incorre a história literária, sobretudo quando esta desconsidera os critérios de julgamento estético e as leituras do(s) período(s) sobre o(s) qual(is) se debruça. Conforme assinala Darnton em outro ensaio, a visão da literatura do passado que formamos a partir da história literária está, muitas vezes, distante de uma “verdadeira experiência da literatura do passado”:

Vemos a literatura de cada século como um conjunto de obras agrupadas em torno dos clássicos; e nossa ideia de clássico provém de nossos professores, que por sua vez a receberam de seus mestres [...]. A história literária é um artifício criado ao longo de muitas gerações; apresenta-se ora reduzida, ora ampliada; puida em alguns pontos, remendada em outros; e por toda parte permeada de anacronismos. Pouco tem a ver com a verdadeira experiência da literatura do passado (DARNTON, 1998, p.9).

As obras que a história literária consagra nem sempre são as que foram mais significativas na época de seu surgimento. Ao não levar em conta as práticas de leitura do passado e o universo cultural mais amplo em que elas se inserem, a história literária corre o risco de transmitir uma imagem fictícia da literatura do passado. Apesar dos anacronismos, esse viés da história literária dominou o ensino de literatura no Brasil, tanto no ensino médio quanto nos cursos de Letras, até bem pouco tempo atrás.

Ao longo do século XX, a perspectiva historicista nos estudos literários recebeu diversas críticas, provenientes, sobretudo, de correntes da Teoria Literária que defendiam a supremacia da análise interna do texto. Essas correntes acusavam a história da literatura de negligenciar o texto, e acabaram por adotar uma postura oposta, mas igualmente redutora: o imanentismo. José Luís Jobim (2005, p. 46) assinala que os anos 1970, de modo particular, foram marcados pela tendência a “considerar o texto como algo que se

bastava a si mesmo” e a descartar a realidade cultural que o envolvia. Essa perspectiva teria começado a ser deixada de lado nos anos 1990:

Assim, o estudo das instituições, maneiras de pensar, cânones, modos de produção cultural e quadros de referência históricos foi considerado “externo” à literatura, e, por consequência, descartável. Felizmente, nos anos noventa, aquele confinamento teórico parece ter sido superado, e uma série de tópicos anteriormente julgados proscritos ou irrelevantes voltaram a fazer parte da agenda de interesses dos críticos, teóricos e historiadores da literatura. O livro de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, *A formação da leitura no Brasil*, é um exemplo claro disso (JOBIM, 2005, p. 46-47).

Como observa Jobim, as análises imanentistas também têm sido questionadas e, nas duas últimas décadas, de modo especial, têm surgido trabalhos, entre os quais o mencionado pelo pesquisador na citação acima, preocupados com a história da literatura, porém não retomando o sentido convencional de sequência cronológica de obras canônicas, mas procurando reconstituir o universo cultural no qual se insere a literatura do passado. Reconstituir esse universo cultural implica estar consciente do papel do leitor e, assim, levar em conta as leituras e os critérios de avaliação literária do passado. Implica, portanto, debruçar-se sobre as “práticas culturais historicamente vigentes” (JOBIM, 2005, p. 47), e não tomá-las como mero pano de fundo. E implica, finalmente, recorrer às fontes primárias, muitas vezes negligenciadas pela teoria literária, assim como pela história da literatura, que costumam privilegiar, como objeto de estudo, a obra publicada em livro, em detrimento de seus processos de produção, circulação e recepção:

Por não percorrer o caminho de volta, que levaria da obra publicada às suas origens e repercussão, a História da Literatura des-historiciza seu objeto; com isso, contradiz sua natureza e acaba por fornecer à Teoria um objeto desmaterializado, um ser ideal a que não corresponde algo concreto (ZILBERMAN et al., 2004, p. 15).

A pesquisa em fontes primárias possibilita que se evitem tanto as interpretações anacrônicas de uma história literária que desconsidera as leituras do passado quanto o reducionismo das análises que tomam o texto literário como um objeto autossuficiente e imaterial. Maria da Glória Bordini explica que:

Fontes primárias, no campo literário, são de caráter vestigial, ou seja, sinalizam algo que já não é, cujo advento ocorreu em uma dimensão temporal da vida de um escritor, da vida de algum outro sujeito histórico relacionado com o evento literário, do processo de produção/recepção de uma obra, com todos os agentes e objetos nela envolvidos, mesmo que esse momento seja contemporâneo (BORDINI, 2004, p. 201).

As fontes primárias constituem-se, pois, de objetos físicos que possam servir de suportes materiais para um “momento transitório do sistema literário”. Correspondem a uma vastíssima gama de manifestações, que incluem desde cartas até objetos de uso pessoal, passando por jornais, documentos de identificação e registros fonográficos. Segundo Bordini, as fontes primárias dão permanência àquilo que é fugidio:

Tudo, enfim, que forneça um suporte material para significar um momento transitório do sistema literário, que possa, na sua tangibilidade, dar permanência ao tempo que foge e às condições espaciais que se modificam, constituir-se-ia em uma fonte primária para o conhecimento da literatura (BORDINI, 2004, p. 202).

No que tange ao estudo da literatura e da leitura no Brasil, a imprensa constituiu-se em um rico material de pesquisa. Os periódicos oitocentistas, de modo específico, são fontes inestimáveis para o conhecimento do processo de consolidação do gênero romanesco no país.

Procuraremos, neste artigo, a partir de relatos de pesquisas, demonstrar a importância da imprensa como fonte primária no estudo da leitura de romances no Brasil oitocentista.

## PERIÓDICOS OITOCENTISTAS E ROMANCE

A literatura no Brasil, principalmente quando se trata do século XIX, sempre teve especial ligação com o jornalismo. Desde o início da imprensa no país, em 1808, a atividade literária sempre encontrou nos jornais e revistas um espaço de difusão e discussão. Raros eram os periódicos oitocentistas que não reservavam um lugar em suas páginas para os assuntos literários. Mais do que local de manifestação para a produção e a crítica literárias, pode-se afirmar, como Álvaro Simões Júnior, que a imprensa do século XIX era, de certo modo, literária:

Em larga medida, os jornais e revistas eram literários, não apenas pela divulgação de textos de ficção (poemas, contos, romances seriados etc.) e de crítica literária (ensaios, resenhas, etc.) e pela própria condição de romancistas, poetas e dramaturgos conhecidos de boa parte dos redatores mais importantes, mas também, – e talvez principalmente, – pela simbiose entre jornalismo e literatura, que levou à incorporação de características “literárias” (retórica, citação de autores, imagens poéticas, etc.) aos gêneros especificamente jornalísticos (editoriais, artigos de fundo, reportagens, etc.) [...] (SIMÕES Jr., 2006, p. 142).

O romance, gênero ainda em formação, sem tradição ou modelos definidos, visto com desconfiança por muitos homens de letras, encontrou no jornal um suporte privilegiado, o que acabou por contribuir para a divulgação e, mais tarde, para a consolidação e aceitação do gênero. Valéria Augusti (2010) afirma que a recepção crítica das produções romanescas ao longo

do Oitocentos contribuiu para que o romance fosse adquirindo prestígio, a ponto de merecer figurar, no final do século, nas histórias literárias. E não se pode esquecer que essa recepção crítica manifestou-se praticamente toda ela nos periódicos.

Os pesquisadores que hoje se debruçam sobre a trajetória do romance no Brasil têm na imprensa oitocentista um rico arquivo de fontes primárias para seu trabalho. Os periódicos são marcas da presença e da circulação de romances no país, da produção de narrativas romanescas por autores brasileiros e do debate que aqui se estabeleceu sobre o gênero.

A circulação de romances e o interesse por sua leitura no século XIX podem ser observados por meio das muitas narrativas nacionais e estrangeiras publicadas tanto nos jornais diários, quanto nas chamadas revistas literárias. A presença do gênero também se comprova pelos inúmeros anúncios de romances estampados nas páginas dos periódicos.

As histórias literárias produzidas ao longo do século XX, ao estudarem o século XIX brasileiro, apresentam um número restrito de romances e romancistas, limitando-se aos que, de acordo com critérios desenvolvidos e aceitos, sobretudo, a partir do século XX, tornaram-se canônicos. Entretanto, um breve passeio pelos diversos periódicos que circulavam em nosso país no século retrasado seria suficiente para mostrar que a leitura de romances no Brasil oitocentista era algo muito mais amplo do que fazem crer as histórias literárias e livros didáticos.

Realizamos uma pesquisa nos anúncios de livrarias que foram publicados no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro nos anos de 1857 e 1858, a fim de detectar quais foram os romances mais frequentemente anunciados naqueles anos e, assim, ter uma noção do que o leitor brasileiro, mais especificamente o público residente na corte, tinha à sua disposição. Escolhemos o *Jornal do Commercio* como fonte da pesquisa por ser o periódico que mais veiculava anúncios de livrarias no Rio de Janeiro da época. A consulta aos exemplares microfilmados do jornal deu-se no Arquivo Edgard Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Os resultados completos foram publicados na tese de doutorado *De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary* (MÜLLER, 2012).

Os resultados apontam para a diversidade de narrativas que circulavam no Brasil naquele período. No ano de 1857, identificamos nos anúncios um total de 249 narrativas diferentes. Os dados de 1858 revelam um número ainda maior: 259 narrativas, entre romances e outros textos em prosa ficcional. Os títulos oferecidos incluíam desde novelas de cavalaria, como as do português Francisco de Moraes, histórias do século XVI, como *Princesa Magalona*, passando por romances setecentistas, como *Paulo e Virgínia* e *Robinson Crusoe*, até os grandes *best-sellers* daquela época, os folhetins franceses, sucessos recentes no continente europeu que rapidamente eram oferecidos no Brasil, na língua original ou traduzidos. Havia, ainda, romances brasileiros, como os de Joaquim Manuel de Macedo, Teixeira e Sousa e os primeiros de José de Alencar, além de escritores hoje desconhecidos, mas que obtiveram êxito em meados do século XIX.

Nas duas tabelas a seguir estão listados os romances mais anunciados (anunciados seis ou mais vezes) no *Jornal do Commercio* em 1857 e em 1858, respectivamente:

Tabela I: Romances mais anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857

<b>Título do romance</b>	<b>Número de vezes que foi anunciado</b>
<i>O marquês de Pombal</i> [Clémence Robert]	9
<i>Os segredos de um cemitério</i> [?]	9
<i>Paulo e Virgínia</i> [Bernardin de Saint-Pierre]	7
<i>Os sete beijos de Buckingham</i> [Moléri e Gonzalès]	7
<i>História de D. Ignez de Castro</i> [Madame de Genlis]	6
<i>Duas horas de leitura do Porto a Braga</i> [Camilo Castelo Branco]	6
<i>Mistérios de Paris</i> [Eugène Sue]	6
<i>Os vinte anos depois</i> [Alexandre Dumas]	6

Tabela II: Romances mais anunciados no *Jornal do Commercio* em 1858

<b>Título do romance</b>	<b>Número de vezes que foi anunciado</b>
<i>Duas horas de leitura do Porto a Braga</i> [Camilo Castelo Branco]	8
<i>O marquês de Pombal</i> [Clémence Robert]	8
<i>O Guarani</i> [José de Alencar]	8
<i>Os cinco minutos</i> [José de Alencar]	7
<i>História de D. Ignez de Castro</i> [Madame de Genlis]	7
<i>O visconde de Bragelonne</i> [Alexandre Dumas]	7
<i>Os vinte anos depois</i> [Alexandre Dumas]	6

Nem todos os romances mais anunciados em 1857 e 1858 são conhecidos do público de hoje. Alguns deles foram grandes sucessos no século XIX, mas ficaram totalmente esquecidos posteriormente, não entraram para o cânone. É o caso de *O marquês de Pombal*, anunciado nove vezes em 1857 e oito em 1858. Embora o título sugira tratar-se de uma obra portuguesa, o romance é, na verdade, de origem francesa, escrito nos anos 1840 por Antoinette Henriette Clémence Robert (1797-1872), que fazia sucesso publicando

nos folhetins dos jornais franceses seus romances históricos (NADAF, 2002, p. 134).

Outro romance francês com tema português que figurou entre os mais anunciados em 1857 e em 1858 foi *História de D. Inez de Castro*. Escrito em 1817 por Madame de Genlis, pedagoga e escritora francesa de renome em seu tempo, o texto retomava, em forma de romance, a história de Inês de Castro, já narrada na literatura portuguesa, inclusive por Camões, no canto III de *Os Lusíadas*.

Se os dois romances supramencionados exploravam temas portugueses, o único título realmente português entre os mais anunciados em 1857 e em 1858 foi *Duas horas de leitura do Porto a Braga*, de Camilo Castelo Branco. Publicado em 1857, trata-se de uma reunião de quatro histórias curtas, todas de tendência romântica com toques de ironia, classificadas pelo próprio narrador como romance. Não está entre as hoje mais conhecidas obras de seu autor, que figuram em histórias literárias e programas escolares. Entretanto, parece ter feito grande sucesso à época de seu lançamento, pois em 1858, apenas um ano após o surgimento da primeira edição, era lançada uma segunda, que localizamos no *Catálogo Suplementar do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro* (1868).

O quarto romance que figurou entre os mais anunciados tanto em 1857 quanto em 1858 foi *Os vinte anos depois*, de Alexandre Dumas. Publicado em 1845, é uma sequência de *Os três mosqueteiros* (1844), no mesmo estilo folhetim, com intriga movimentada, mesclando elementos históricos e aventura.

*Paulo e Virgínia*, anunciado sete vezes em 1857, foi publicado em 1788 pelo francês Bernardin de Saint-Pierre. Relata a história de dois jovens que cresceram juntos em uma ilha. Fez imenso sucesso e foi traduzido para várias línguas. Circulava no Brasil desde o início do século XIX (ABREU, 2003, p. 115). Em 1811, teve uma tradução publicada pela Imprensa Régia (SOUZA, 2009, p. 27).

*Os sete beijos de Buckingham*, anunciado sete vezes em 1857, é um romance francês escrito por Guillaume Moléri e Emmanuel Gonzalès, folhetinistas que produziram bastante no século XIX, mas são desconhecidos do público atual.

Outro folhetim francês de grande êxito que apareceu entre os romances mais anunciados no *Jornal do Comercio* em 1857 foi *Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. Publicado originalmente nos folhetins *Journal des Débats* de 1842 a 1843, obteve sucesso estrondoso. A edição em livro atingiu altíssima vendagem, tendo circulado em diversos países. Por meio de uma intriga cheia de peripécias, o romance aborda as condições de vida das classes populares na Paris oitocentista. Também no Brasil a obra fez enorme sucesso e causou repercussão, tanto em folhetim (foi publicada no *Jornal do Comercio* de setembro de 1844 a janeiro de 1845) quanto em livro (SCHAPOCHNIK, 2010).

*Segredos de um cemitério*, o último título a figurar apenas na tabela I, foi anunciado sempre sem menção à autoria e em reclames que tinham por título “Romances” ou “Novelas”. Não conseguimos identificar autor nem

nacionalidade, o que demonstra o quão esquecidas tornaram-se muitas das obras que tiveram ampla circulação no Brasil oitocentista.

Na lista dos romances mais anunciados em 1858, há dois títulos brasileiros hoje consagrados, ambos de José de Alencar: *Cinco minutos* e *O guarani*. O primeiro foi o romance de estreia de seu autor, publicado nos folhetins do *Diário do Rio de Janeiro* em 1856 e disponibilizado para venda na tipografia do jornal no ano seguinte. *O guarani* havia saído em folhetim no mesmo periódico, em 1857.

Finalmente, *O visconde de Bragelone*, último dos romances que aparecem apenas na tabela II, é de autoria de Alexandre Dumas e dá sequência a *Os vinte anos depois*, fechando a trilogia iniciada com *Os três mosqueteiros*. Fora inicialmente publicado nos folhetins do parisiense *La Presse*.

Fizemos também um levantamento dos escritores com o maior número de romances anunciados no *Jornal do Commercio* (seis títulos diferentes ou mais) nos mesmos anos de 1857 e 1858. Os resultados estão organizados nas tabelas a seguir:

Tabela III: Romancistas com maior número de títulos anunciados no *Jornal do Commercio* em 1857

Romancista	Número de títulos anunciados
Alexandre Dumas	33
Honoré de Balzac	24
Walter Scott	18
Eugène Sue	12
Paul de Kock	11
Camilo Castelo Branco	7

Tabela IV: Romancistas com maior número de títulos anunciados no *Jornal do Commercio* em 1858

Romancista	Número de títulos anunciados
Alexandre Dumas	35
Eugène Sue	14
Élie Berthet	11
Joseph Méry	7
Frédéric Soulié	6
Paul de Kock	6



Camilo Castelo Branco, Alexandre Dumas, Walter Scott e Balzac certamente são conhecidos do público brasileiro de hoje, ao menos dos estudantes de Letras. Quanto aos demais, muito provavelmente são estranhos ao repertório dos leitores atuais. Eugène Sue, Paul de Kock, Élie Berthet, Joseph Méry e Frédéric Soulié não entraram para o cânone, mas estavam entre os folhetinistas mais célebres em seu tempo. Além deles, muitos outros romancistas populares, sobretudo franceses, tiveram suas obras propagandeadas pelas livrarias da corte no *Jornal do Commercio*. Nomes hoje obscuros como Alexandre de Gondrecourt, Paul Féval, Ponson du Terrail, Octave Feuillet, Xavier de Montépin, entre outros, eram frequentes nos anúncios de livreiros e posicionavam-se entre os escritores mais lidos no século XIX, não apenas aqui, mas em praticamente todo o mundo ocidental (MOLLIER, 2008). Com o advento do folhetim, muitos escritores franceses passaram a produzir, com rapidez comercial, narrativas ao gosto popular que, além dos rodapés dos jornais, eram publicadas também em livros de coleções de preços reduzidos, visando atingir um mercado cada vez mais amplo. Desse modo, o romance francês teve extraordinária circulação e aceitação em diversos países, inclusive no Brasil.

Os periódicos nos mostram que as obras que o público brasileiro tinha à sua disposição e, muito provavelmente, lia, nem sempre coincidiam com as que a tradição consagrou e fez figurar nas histórias literárias e programas escolares. Além de nos permitir vislumbrar o mercado livreiro oitocentista, a pesquisa de fontes primárias dá acesso também ao pensamento da crítica do período. As revistas e jornais do século XIX frequentemente veiculavam artigos de homens de letras que se expressavam sobre a literatura de seu tempo. O contato com esses textos nos fornece uma noção dos critérios empregados pela crítica de então no julgamento das obras e nos proporciona uma visão da leitura daquele período mais precisa do que a transmitida pelas histórias literárias.

Os críticos de até meados do século XIX tinham critérios bastante diferentes dos atuais na avaliação de um texto. A maior parte dos homens de letras, tanto brasileiros quanto estrangeiros, tinha na moralidade o principal parâmetro para avaliar romances: o bom romance era, sobretudo, aquele capaz de edificar seus leitores. Essa diferença de critérios ajuda a explicar o fato de muitos romances hoje consagrados não terem agradado aos críticos seus contemporâneos.

Nas páginas dos periódicos oitocentistas brasileiros, diversos romances totalmente desconhecidos do público atual foram elogiados e recomendados por críticos que gozavam de prestígio na época. É o caso de *A filha da vizinha*, de Antonio José Fernandes dos Reis, romance que foi considerado pelo respeitado crítico Nuno Álvares Pereira e Sousa como superior ao hoje canônico *Madame Bovary*, de Flaubert. Em um artigo publicado em 1º de outubro de 1860 na *Revista Popular*, periódico de grande circulação na época, o crítico atacou o romance de Flaubert por sua suposta imoralidade e recomendou *A filha da vizinha* por tratar-se, no seu entender, de uma obra edificante e aconselhável às famílias:

Não é somente o desenlace trágico de *Madame Bovary* que torna-a um dos romances mais perigosos, como a sua linguagem licenciosa [...]. Romances como esse são venenos lentos que se deslizam imperceptivelmente pelo coração [...].

Felizmente para a nossa literatura, esse gênero é verdadeiramente desconhecido entre nós, e para isso fazemos apelo a uma última publicação brasileira.

A filha da vizinha é um belíssimo romance, em que o enredo se acha a par da linguagem sempre delicada e honesta, é um livro que sem prejuízo algum pode ser lido por todos. O seu autor compreendeu perfeitamente que as nossas famílias precisam de obras cheias de moralidade [...] (SOUSA, 1860, p. 85).<sup>1</sup>

*A filha da vizinha*, que hoje temos dificuldade para encontrar até mesmo nas seções de obras raras de grandes bibliotecas, encaixava-se perfeitamente nos padrões de bom romance predominantes na época em que foi produzido: possuía um tom moralizante, ao contrário de *Madame Bovary*, que só viria a ser valorizado mais tarde, ao final do século XIX, quando os critérios de avaliação de romances foram-se modificando.

Nuno Álvares Pereira e Sousa não foi o único crítico a elogiar o romance de Fernandes dos Reis na imprensa brasileira. Em 26 de fevereiro de 1860, um artigo assinado apenas pelas iniciais R. P. louvava, na *Revista Theatral*, o surgimento de *A filha da vizinha*, ressaltando a aceitação que vinha recebendo nos jornais da corte. A edição de 1º de julho de 1863 da *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios* saudava entusiasticamente a segunda edição do romance.

Em dezembro de 1865, na mesma *Revista Mensal da Sociedade Ensaios Litterarios*, o crítico F. T. Leitão, apesar de lamentar a escassez de escritores nacionais que abordassem as tradições do país, arrolou alguns romancistas brasileiros considerados importantes naquele momento. Além dos canônicos Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar, a lista continha nomes que não constam na maior parte das histórias literárias redigidas a partir do século XX, entre os quais o próprio Fernandes dos Reis (autor de *A filha da vizinha*), Pinheiro Guimarães, Bruno Seabra e, até mesmo, Teixeira e Sousa, autor de imenso sucesso na primeira metade do século XIX que não resistiu às mudanças de critérios de avaliação crítica e concepção de romance que se foram operando em fins do Oitocentos. Ou seja, além da imensa quantidade de romances estrangeiros em circulação no país, havia também uma produção ficcional brasileira, muito maior do que a que ficou consagrada pela tradição literária.

Germana Sales identifica a publicação de narrativas de autor brasileiro em periódicos nacionais já nos anos 1830:

No final da década de 30, o jornal aparece como importante meio facilitador da relação entre a obra e o público. Nesse contexto, ainda em 1838, o periódico O

<sup>1</sup> Atualizamos a ortografia do texto original.

*Chronista* publica os escritos *Os três desejos* e *Mariana*, de Firmino Rodrigues da Silva e, do mesmo autor, no mesmo ano, *Um sonho*, no *Gabinete de Leitura* de 7 de janeiro de 1838, com a assinatura “Rodrigues da Silva” (SALES, 2011, p. 79).

Os dados que apresentamos demonstram que uma pesquisa não muito extensa nos periódicos oitocentistas brasileiros é suficiente, pois, para nos fazer constatar que:

- a) o público brasileiro de meados do século XIX tinha à sua disposição uma enorme variedade de romances, sobretudo estrangeiros;
- b) grande parte dos romances de sucesso em meados do século XIX é desconhecida do público atual;
- c) a produção romanesca nacional do século XIX ia muito além dos autores hoje consagrados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os periódicos nos descortinam um panorama da leitura de romances no Brasil oitocentista diferente do que é comumente transmitido nas escolas e te mesmo nos cursos de Letras. A pesquisa de fontes primárias proporciona uma visão mais ampla e precisa do processo de consolidação do gênero romanesco no Brasil, à medida que permite conhecer, não apenas os textos e autores que, posteriormente, foram considerados mais significativos, mas também os que a tradição literária apagou e que, no entanto, compuseram o universo literário de seu tempo.

Segundo Jean-Yves Mollier (2003), para que se possa ter uma compreensão mais apurada da leitura e da literatura de um determinado período, não se pode limitar a reflexão às obras que entraram para o cânone. Não se trata, de modo algum, de aderir a correntes revisionistas, que procuram “resgatar” certos autores e textos e substituí-los aos clássicos. O que se deve buscar não é atribuir valor literário a obras esquecidas, e sim reconstituir o que Mollier (2003, p. 602) chama de “espaço literário de uma época”, que é composto não apenas pelos textos que se tornaram canônicos, mas também por aqueles considerados menores.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2003.
- AUGUSTI, Valéria. *Trajatórias de consagração*. Discursos da crítica sobre o romance no Brasil oitocentista. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.
- BORDINI, Maria da Glória. A materialidade do sentido e o estatuto da obra literária em *O senhor embaixador*, de Érico Veríssimo. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004, p. 201-276.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos na França pré-revolucionária*. Trad. Hildgard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- FRANCHETTI, Paulo. História literária: um gênero em crise. *Semear* (PUCRJ). Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de estudos portugueses. Rio de Janeiro, n. 7, v. 1, p. 247-264, 2002.
- JOBIM, José Luís. O lugar da história da literatura. *Desenredo*. Passo Fundo-RS, n. 1, v. 1, p. 40-51, jan./jun. 2005.
- LEITÃO, F. T. Paulo, do senhor Bruno Seabra. *Revista mensal da sociedade ensaios litterarios*. Rio de Janeiro, dez. 1865.
- MOLLIER, Jean-Yves. Histoire culturelle et histoire littéraire. *Revue d'histoire littéraire de la France*. Paris, v. 103, p. 597-612, jul.-set./2003.
- MOLLIER, Jean-Yves. *A leitura e seu público no mundo contemporâneo*. Trad. Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- MÜLLER, Andréa Correa Paraiso. *De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary*. 2012. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2012.
- NADAF, Yasmin Jamil. *Rodapé das miscelâneas*. O folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.
- SALES, Germana Maria Araújo. "Ainda romance": trajetória e consolidação do gênero no Brasil oitocentista. *Floema*. Salvador-BA, n. 9, p. 73-90, jan.-jun./2011.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Edição, recepção e mobilidade do romance *Les mystères de Paris* no Brasil oitocentista. *Vária história*. Belo Horizonte, n. 44, v. 26, p. 591-517, jul.-dez./2010.
- SIMÕES Jr., Álvaro. Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX. *Patrimônio e memória*. Assis-SP, n. 2, v. 2, p. 126-145, 2006.
- SOUSA, Nuno Alvares Pereira e. A filha da vizinha. Romance do Sr. Antonio José Fernandes dos Reis. *Revista Popular*. Rio de Janeiro, tomo VIII, p. 84-89, out.-dez./1860.
- SOUZA, Simone Mendonça de. "Sahiram à luz": livros em prosa de ficção publicados pela Imprensa Régia do Rio de Janeiro. In: ABREU, Márcia (org.). *Trajatórias do romance: circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. A leitura no Brasil: sua história e suas instituições. Projeto Memória da Leitura - IEL/UNICAMP. Disponível em: <[www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html](http://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio32.html)>. Acesso em: 30 jun. 2013.
- ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.